



SOBRE A MORAL

NA EDUCAÇÃO

Alguns cultores modernos da sciencia, d'um ponto de vista materialista, d'onde perdem a noção dos factos sociaes, se comprazem em negar a existencia da moral, ou em lhe dar uma significação que equivale a negal-a. Os materialistas não fazem mais do que repetir a doutrina dos sophistas, na Grecia antiga. Estes negavam-na partindo d'uma inadmissão absoluta da verdade e, portanto, da sciencia. Chegavam a concluir a inexistencia da moral por um processo todo dialectico, sem abandonar o dominio do pensamento. Os materialistas modernos julgam-se melhor apoiados em sua negação scéptica. Elles possuem a observação da vida social de muitos povos, em épocas diversas; conhecem que o phenómeno moral é vário entre estádios vários de evolução social, e desde então que a moral já não lhes apparece com o estygma do *absoluto* que lhe inculcava a religião, que se transmudou n'um phenómeno *relativo*, elles acham azado negal-a, fazendo de scépticos e de sophistas modernos.

A apparição moderna do anti-moralismo não tem uma razão caracteristicamente lógica. Os factos moraes são constatados, e da sua diversidade não é licito concluir a sua negação. Certamente o que é *relativo* não é absoluto, mas não poder-se-á dizer que o que é relativo não existe. No fundo, os materialistas negadores da moral chegam, sem o presentir, á con-

clusão dos sophistas gregos, que era tambem o seu ponto de partida,—que nada existe, e a moral, como todo o resto, é uma *apparencia*. A these faz juntamente horror ao materialismo, e aos sophistas modernos, ainda que ella presida o scepticismo concernente aos factos moraes.

A moral existe na consciencia de cada individuo como a sciencia propria a reger as acções. Todas as intelligencias á possuem, e só é falha nos degenerados, em que é apagada por qualquer tara physica affectando essencia pathologica.

Na vida ella se affirma em todos os momentos; máximas e preceitos vulgares a traduzem. Desde a infancia cada ensinamento, referente á vida em commum, que recebe o ser, contem uma regra de moral. As leis exteriorizam os principios de character mais grave para a existencia social. A punibilidade dos crimes é a acção coercitiva necessaria á ausencia de consciencia moral dos degenerados.

A moral apparece como a condição espiritual da existencia em sociedade, a única compativel com o gênero humano. A educação moral deve, pois, dominar a educação scientifica, desde os primórdios até a sua realização ultima. Antes que o educando chegue á comprehensão final dos principios mais altos do conhecimento moral devem ser-lhe inculcadas no espirito, praticamente, as regras que formam a conducta necessaria á collectividade.

O ser humano recolhe ensinamentos desde a infancia; ha uma somma de regras, que elle observa e pratica, precedendo o regimen escolar. Como ensinamento, portanto, a moral é dividida entre a familia e a escola. O ensinamento familiar prepara o espirito do infante. A escola caracteriza-se por uma organização disciplinadôra, e pela auctoridade do professor.

Penetrando em seu seio o alumno passa para um meio desconhecido; as suas impressões são excitadas por isso mesmo; a impressão mais forte é empregada na nova *vida moral* que se lhe desvenda. Elle procura comprehendel-a, e o momento é propicio para imprimir-se-lhe ne espirito os principios de uma moral perfeita.

Emquanto a educação, no circulo da familia, se restringe á moral privada, exercitada entre os seus membros, a moral

na escola impressiona os jovens estudantes já como uma moral *social*, e a curiosidade natural que se lhe manifesta é para saberem se conduzir nesse novo meio em que são introduzidos. A escola equivale, para a creança, á vida social exterior, á vida publica que irá mais tarde conhecer. O mundo *social* resume-se para o educando nas relações da escola, e percebe-se a importancia da missão do professôr de dar á consciencia de seus discipulos uma conducta extreme de defeitos.

O ensinamento moral do professôr consiste, sobretudo, na *prática*, na sua conducta em relação á escola. Independente de prédicas, ou de lições theóricas, a educação mais profícua, na primeira idade, e até antes de um curso methódico, final, é aquella que advem somente das suas acções, das suas relações escolares com os alumnos. O ensinamento moral é como *invisible*, dominando o ensinamento das letras e das sciencias. Acima da auctoridade profissional, o professôr deve impôr-se como auctoridade moral. A sua auctoridade é distincta das auctoridades sociaes, sobre quem pesa o encargo do cumprimento das leis. Ao professôr não incumbe a applicação das leis, mas deve, pelos seus actos, *revelar* a existencia das leis moraes. Toda a força de sua actividade moral deve concentrar-se na *revelação das regras de conducta*. Elle vae, assim, ao encontro da curiosidade do alumno, que *observa*, que, mediante a attenção, recolhe os factos decorrentes de sua auctoridade.

Ao sair da escola, o educando passa a realizar os factos moraes, de que elle fôra, até ahí, simples observador. O alumno entra a applicar os conhecimentos apprehendidos pela intelligencia. A educação moral tem de completar-se naturalmente á grande luz de toda a existencia social. Deixando a escola, com o preparo e o ensino para uma certa especialidade, o educando vae conhecer a concurrencia de outros individuos, estabelecer a direcção de seus actos em contacto com a vida publica. N'essa emergencia é que surgem os effeitos da educação moral, de sua fraqueza ou intensidade. O destino da escola é de fazer inquebrantavel esta educação, de tornal-a resistente aos embates da prática.

O professor, moralmente, deve representar a perfeição

para os seus discipulos. N'elle o estudante deve vêr realizado esse ideal humano, que tendem a mostrar-lhe, n'uma ascendencia, os seus conhecimentos. O typo do professor fica na consciencia do educando, e, para o futuro, esse typo é uma alma guiadôra das suas acções. O typo moral do professor permanece como um exemplo, como uma *experiencia*, que a consciencia recebe, e que persiste no repositório do espirito, onde se accumulam, em somma incalculavel, os conhecimentos.

O alumno procura mais tarde, reproduzir o typo que a observação lhe gravou na memória. Influencias diversas e multiplas podem contrariar ou favorecer essa tendencia: a conducta dos outros homens, a conducta dos homens a quem é incumbido o governo, a propria faculdade cognoscitiva do individuo. O interesse social quer, porem, que a *prática* observada na escola seja de natureza perfeita, de modo a reagir contra as imperfeições que se revelam, a cada passo, na conducta dos homens.

Ha na sociedade uma lucta pela moral, que encontra o mais forte apoio nas normas compendiadas sob o caracter juridico. De encontro ao direito se destroem as forças oppostas á sociedade, que, antes de attingil-o, não foram vencidas. O direito representa a evidencia mesma da moral nos casos mais graves de attentado á sua existencia. E' para enfrentar esta lucta que a educação escolar deve concorrer como a força a mais apta, a mais certa, a reagir na defeza dos principios moraes.

O ideal da educação moral é que ella prepare os individuos para a lucta que se trava na sociedade. Deve estar o homem de tal modo esclarecido que possa resistir aos choques mais alarmantes para a sua consciencia. Si a educação é imperfeita, ou defeituosa, elle vacilla, e todos os principios, toda a experiencia passada podem ruir e ensombrar-se. O seu conhecimento deve affirmar-se no ambiente mais corrupto, diante da repetição e persistencia dos factos mais anormaes e contrarios á sciencia. A educação tende, em fim, a realisação d'esse ideal que consistirá em reagir, um dia, toda uma geração humana, de modo absoluto e definitivo, contra todas as amoralidades sociaes; em vencer, em definitivo, as corrupções; em sobrepôr-se

inteiramente a todos os desvios, a todos os descaminhos, em operar, de maneira completa, o aniquillamento do mal.

O ideal da educação moral confunde-se com o ideal da sociedade. Pertence ao professor o nobre e delicado encargo de armar o educando com a aptidão para vencer e impôr, na lucta social, os principios mais puros da sciencia. Seja ou não a vida social, ou a vida publica, um meio proprio a completar a educação que o homem traz da escola; seja de natureza a enriquecer o conhecimento, ou de enfraquecel-o, ou corrompel-o: a missão do professôr é infundir ao espirito do infante ou do adolescente a experiencia da moral a mais perfeita, pelos seus actos, pela attitudo rigorosa e impecavel, de maneira que, com o ensinamento que recebe, se gravem naturalmente, no entendimento do jôvem, as noções da verdade moral.

R. Moreira de Sousa.

«FIALHO D'ALMEIDA»

«Tres livros de prosa, tres bons livros neste começo de anno, é um bom pre-nuncio de farta messe.

Dos tres—Fialho d'Almeida, de Fléxa Ribeiro, Paris, de Nestor Victor, Da esthetica na literatura comparada, de Almachio Diniz, com mais vagar e maior ponderação direi mais longamente; por ora me limitarei a annunciar-lhes o apparecimento.

De Fléxa Ribeiro desde muito esperava uma obra affirmativa das suas altas qualidades de instrumentalista orchestral, que vinha annuciado vigorosamente nos seus dous livros de versos—Sol e Litanía pagã. Fléxa Ribeiro é um puro pagão, gosador do vocabulo com todos os requintes de sybarita litterario exaltado e quente, saboreador demorado e consciencioso da phrase retumbante, deglutindo a guloseima com os olhos fechados para se deixar dominar pela sensualidade de um periodo cantante.

Sua bella prosa torturada e artificiosa parece ter sido feita propositadamente para o estudo de Fialho de Almeida.

A technica dos dois é quase igual e, á fora o desbragamento da gyrta aspera portuguesa, a escripta de Fléxa Ribeiro tem algo de parecido com os periodos plethoricos do escriptor de seu grande apreço.

Quando um admirador chega a parecer-se com o auctor admirado, é que assimilou de tal modo os segredos do mestre, que pôde, só elle, com firmeza, com justiça e carinho, desflbrar-lhe a trama dos periodos para estudar-lhe a obra e interpretar-lhe a psychologia.

E' por esse motivo que o trabalho de Fléxa Ribeiro, sendo bello trabalho de estylo, é também um excellente trabalho de critica criteriosa, em que deve sempre entrar, como elemento primordial de juizo, a sympathia do critico pela obra do criticado. Só critica bem quem se identifica com a obra d'arte que tem de apreciar.

—Fabio LUVZ, o applaudido escriptor do Ideologo, e que é o critico litterario da maguifca revista "Ordem e Progresso", que se edita, mensalmente, no Rio de Janeiro, assim annunciou o apparecimento de "Fialho d'Almeida", cujos últimos volumes estão á venda na reputada Livraria Bittencourt, á rua 15 de Novembro.

Grammatica

Noções geraes e

divisão da materia

I

GRAMMATICA é o estudo que tem por objecto a correcta expressão do pensamento por meio de palavras.

Divide-se em: *Grammatica Geral* e *Grammatica Particular*.

GRAMMATICA GERAL é a sciencia dos princípios communs a todas as línguas *do mesmo grupo*.

GRAMMATICA PARTICULAR é a arte que ensina a fazer uso correcto de uma língua.

LÍNGUA ou IDIOMA é o conjuncto de palavras de que um povo faz uso.

Ha differença entre *língua* e *linguagem*. A primeira compõe-se de palavras; a segunda póde ser constituída por palavras *ou por quaesquer outros signaes*. A musica, por exemplo, não é uma *língua*, mas é uma *linguagem*.

A *Grammatica Geral* apparece com frequencia, nos compendios, como synonymo de *Glottologia* ou *Linguistica*. Não é a sua accepção propria, como se vae vêr.

O estudo da linguagem póde ser considerado: em sua EXTENSÃO, em sua APPLICAÇÃO, em seu METHODO.

Considerado quanto á EXTENSÃO divide-se em:

—**Glottologia** (ou *Linguistica*)—sciencia da linguagem em sua universalidade.

—**Grammatica** { *geral*—estudo das generalidades que se observam nas linguas affins.
 particular—estudo das particularidades de um idioma.

Considerado quanto á APPLICAÇÃO:

Glottologia—Estuda os phenomenos linguisticos como *productos da natureza*, verificando a sua existencia, observando as suas relações com outros phenomenos, formulando as respectivas leis. Não cogita da regularidade, propriedade ou elegancia das fórmias que examina. *O glottologo procede como NATURALISTA.*

Grammatica—Analysa o mechanismo da expressão verbal, e estuda os respectivos elementos, *á luz da Logica*. Considera as fórmias da linguagem *como signaes representativos das idéas*, e d'este ponto de vista técnico as admite ou proscribe, conforme pareçam mais ou menos legitimas e adequadas. *O grammatico procede em relação á linguagem como PHILOSOPHO.*

Philologia—Considera a linguagem nas suas qualidades de raça, isto é, *no que tem ella de castiço*. Examina a procedencia das fórmias, os fóros ou titulos que adqueriram ao uso corrente, e pronuncia-se *quanto á sua vernaculidade*. *O philologo procede como especialista amador: é um IDIOMISTA.*

Litteratura—Aprecia a elegancia, a energia, a riqueza expressiva das fórmias verbaes, considerando-as em suas funções *estheticas*, nos effeitos que d'ellas se pódem tirar para impressionar ou commover. O litterato trata a linguagem como ARTISTA.

Considerando quanto ao METHODO:

Grammatica Historica—Estudo dos factos de uma lingua em relação ás suas fontes, ou aos seus antecedentes da mesma lingua. Exemplo: a connexão das fórmias actuaes da nossa linguagem com as do latim barbaro, com as do portuguez antigo, com as do portuguez quinhentista etc. Considera a lingua *no tempo*.

Grammatica Comparativa—Estuda os factos de uma lingua em relação aos seus concomitantes de *outras linguas*, pelos caracteres communs, ou de afinidade, que entre as mesmas existam. Exemplo: confronto de fórmias entre o portuguez e o latim culto, o francez, o castelhano, o italiano, o provençal etc. Considera a lingua *no espaço*.

Grammatica Expositiva—Estuda os factos de uma lingua pura e simplesmente, sem relacional-os com os seus ante-

cedentes ou concomitantes, da mesma ou de outras linguas. Considera a lingua *no estado*.

Grammatica Mixta—E' a que, estudando os factos de uma lingua, serve-se ao mesmo tempo da historia e da comparação; ou é a Grammatica Expositiva quando incluye noções de Grammatica Historica ou de Grammatica Comparativa. (Os compendios actualmente adoptados no ensino secundario em geral são *mixtos*).

II

Ha linguas que são usadas por mais de um povo, como por exemplo a Lingua Portugueza, que é fallada no Brazil e tambem em Portugal e suas possessões.

PALAVRAS são os signaes articulados com que exprimimos nossas idéas.

As palavras são constituídas por duas especies de elementos: *sensiveis* e *intelligiveis*.

Os elementos *sensiveis* (ou materiaes) das palavras são representados pelos sons de que ellas se compõem.

Os elementos *intelligiveis* das palavras são representados pela sua SIGNIFICAÇÃO.

A representação graphica das palavras tem o nome de ESCRIPTURA.

Tem havido varios systemas de escriptura. O de que usamos, que é o mais moderno e perfeito, chama-se ESCRIPTURA LITTERAL, porque tem por base as LETRAS.

* * * PALAVRA, muitas vezes emprega-se por VOCABULO; esta ultima expressão, porém, é mais propria tratando-se dos elementos *sensiveis*, e a primeira tratando-se dos *intelligiveis*. Exemplo:—«O dom da *palavra* (e não do VOCABULO) é a facultade de *exprimir os pensamentos* por uma fórmula verbal».

Como parte de alguma tecnologia é preferivel TERMO. Assim dizemos—*termo* de náutica, *termo* de pharmácia, etc.

Voz, comquanto ás vezes tambem se empregue por *vocabulo*, ou ainda por *palavra*, nem sempre representa a idéa como a *palavra*, ou é privilegio do homem como o *vocabulo*. A VOZ é commum aos animaes, tanto racionaes como irracionaes.

naes, e não raro attribue-se aos seres inanimados. Exemplos: a *voz* do que clama no deserto— a *voz* do recém-nascido— a *voz* do cysne— a *voz* da tempestade etc.

* * Chama-se escriptura SYMBOLICA a que emprega signaes de convenção para representar palavras e phrases, e não os sons de que ellas se compõem.

O que caracteriza, entretanto, a escriptura LITTERAL, não é só o uso de signaes com valor phonetico: a escriptura *symbolica* tambem os póde empregar accidentalmente, como a litteral empregar accidentalmente os symbolos. O que constitue a escriptura *litteral* é a *systematisação do material phonetico* e a sua redução, pela analyse, a um numero limitado de elementos, aos quaes correspondem caracteres graphicos, poucos, mas bastantes para figurar todas as combinações vocabulares possiveis, dentro do idioma.

Pela escriptura *symbolica*, para representar 50 palavras diversas, são precisos, pelo menos, outros tantos differentes signaes. Pela *litteral*, com a metade apenas, isto é, com as 25 letras de que se compõe o nosso alfabeto, torna-se não só possivel, mas facil, escrever todo o lexico latino e novi-latino, abrangendo centenas de milhares de vocabulos, sem contar os extranhos em quantidade enormissima, e em numero illimitado os de creação nova, cuja adopção a necessidade vae cada dia determinando.

E não pára ahí a preeminencia: emquanto que o symbolo *suggere*, tão sómente, a palavra, a escriptura litteral *descreve-a, desenha-a*, nitidamente em todas as suas partes, torna-se por assim dizer *transparente*, para mostrar a sua *anatomia*; e fazendo entrar o espirito na plena posse das fórmulas vocabulares, fixa-as e empresta estabilidade ás linguas.

PAULINO DE BRITO

(Da GRAMMATICA SUPERIOR, no prélo).



Páginas escolhidas

Por F. R.

Filinto Elysio

Pode afirmar-se que fechada, com os seiscentistas, a grande era cyclica da prosa portugueza, entrou a literatura lusa num estágio de erudição e de crítica. Com a ausência das obras de "inspiração", amorteceram-se os brilhos raros das fórmulas originaes, a flexibilidade ondulosa da frase, a fluência borbulhante dos períodos, que retratam as imagens, colorindo as idéas. Como que uma fase anti-natural se desenha e accentúa.—A formação das academias bem indica a orientação esthetica que dominou o século dos árcades: e bastaria ler o rosário dos nomes estravagantes dessas assembléas literárias, de então, para comprehendemos o estágio d'arte que ellas assignalaram na história das letras portuguezas.

FILINTO ELYSIO, sendo um dissidente da Arcádia, marcou logo diversa índole das dos seus contemporâneos que se haviam deixado levar, de baldão, pelo gongorismo dos culteranistas, particularmente pela feição hyperbólica de Vieira.

FILINTO (Francisco Manuel do Nascimento, de seu próprio nome) trazia, nas suas tendências, todos os germens que vieram a florir na escola romântica, e modelarmente em Garrett.

O zelo inquieto pela castidade vernácula, a primazia em revivescêr os archaismos, e em pôr, no fino trato das letras, os modismos tradicionaes — fizeram-no o escritor exemplar da época, o dicionário vivo e multifário dos tempos modernos.

Fugindo á Inquisição, transplantou-se para a cidade de Paris, onde com desusada permanência viveu, sempre preso do mais ardente amor da Pátria e da lingua que com tanto lustro poliu e opulentou.

Sem se aperceber das correntes dominantes no meio em que vivia, elle se manteve horaciano, clássico de instincto, fervoroso na devoção dos mestres antigos, sem desdenhar, é verdade, alguns dos typos representativos que implantavam o dominio romântico nas letras, no pensamento moderno.

Seu amor por Horácio, foi uma religião. Poetou e traduziu exaustivamente. A poética portugêsa muito lhe deve, pela variedade rica de metros e rythmos que criou. Nelles Garrett encontrou a fôrma perfeita do verso solto.

Quanto á lingua, quer nas suas relações de syntaxe quer no ajuste dos vocábulos, FILINTO ficou perpétuo modelo. Foi escritor selecto e fecundissimo. A literatura dos quinhentistas imprimira na sua fôrma constante predomínio, fazendo que o poeta vivesse desde a juventude no «enlevo clássico», o que talvez, de começo, lhe houvesse decepado as asas conquistadoras d'outras regiões artisticas.

Se não ha nas páginas que com abundancia escreveu o interesse constante dos prosadôres do grande século, encontra-se, porém, a sátira mordente, e vê-se o florir perenne dos primores da lingua, no indestructivel amor á nitidez dum estylo cásto até à saciedade. E é de lamentar que seus periodos de roupagens purissimas se constrajam, de longe em longe, nos torcicollos duma syntaxe cheia de successivas inversões.

«Francisco Manuel do Nascimento profundou a sciência da lingua sem attender a enriquecel-a para serviço das novas idéas, mas sim para nitidamente trasladar as antigas » (1).

Nasceu Filinto Elysio em Lisboa por dezembro de 1734; a 25 de fevereiro de 1819 falleceu na capital da França, onde residira por annos numerosos.

Sua obra é vasta e completa, resaltando, de morvulto, dentre ella—as Odes e Cartas.

As edições até hoje vindas a lume são tumultuárias e incompletas, sem método algum na ordem dos assuntos. (2)

1) CAMILLO.—Curso de Literatura Port., pg. 212.

2) A mais completa é a de Lisboa: ed. Rollandiana, 1836, em 22 vols.

Apologia do Estudo

Parece que houve engano no título. Elogio, e não Apologia se intitule a que do Estudo quereis fazer. E' advogar causa, que tal não quér. Que ha hi mais apto a consolar-nos a instuir-nos, a morigerar-nos, a aditar-nos, que o Estudo? E ir-nos-hão enfiando um ramal de máximas havidas por verdadeiras, pelo que tem de triviaes; citar-nos-hão a bella passagem de Cícero sobre a ventagem das Lettras, que vem na sua Oração pro *Archia*; passagem que elles crem que não tem réplica: «Que réplica (dirão) ha hi contra o que Cícero disse?»

Taes os dittos serão de quantos não entregarão a vida á cultura das Lettras, nem nellas buscão, nellas encontrarão al que des-fadiga de ânimo, d'onde não rebente dissabor algum, alguma invéja.

Não córre igual discrimine se o perguntamos aos que abraçárão o estudo por escolha, por desejo de consideração e de estima. Sim; que a esse áuge aspirão os Litteratos; e quando elles affectão desdenhá-lo, mentem. Digão-nos porêm a maior parte delles, que fructos hão colhido de vigílias táes? Da desconsolada resposta que nos dérem, alcançaremos que para bem entendermos os descontos encobertos de qualquér profissão, reléva conversar com os que a exercitão, e não com os que com ella se divertem.

Muito antes que o dissesse Horácio, tinha ditto a experiéncia que ninguem se dá por ditoso no lugar que tem, mas sim no alheio: e a única ventagem (se tal) e que as luzes da sciéncia dão, é a de não invejar o estado alheio; sem, por tanto, se contentar com o seu.

Não imaginemos todavia que a Dita é incompativel com a cultura das lettras: que então seria exagerarmos o nosso infortúnio. Porquanto ha nesse estado, como em todos os mais, sujeitos privilegiados que escapão á Lei commum, e se lisonjêa cada um, que entrará no rol d'esses predestinados. Que a não ser assim, parvo fora quem não queimasse os livros; começando pelos que houvesse elle mesmo composto. Mas a mesma Providéncia que (parece) coadunou á mediocridade da classe, e da riqueza a Dita, a coadunou igualmente á mediocridade dos talentos, para nos curar (quem sabe?) de ambição em qualquér género que fosse. Essa mediocridade satisfeita e assocegada

que alimenta e affaga o nosso amor próprio, e que ao de ninguem dá sustos; que sem muita vaidade, nos dá a crêr que ahi somos alguma cousa, e dá a crêr aos outros, sem grande agravo, que nada somos: essa *áurea mediocridade*, (a servir-me da bella expressão de Horácio) faz, que esses que a possuem, lógrem dita, obscura sim, mas dita assegurada, e duradoura. Comparêmos os talentos medíocres, ao que no Estado chamão Burguezes abastados, sc. Classe de menos invêja, e de mais remanso.

Porção de Litteratos é ella, cujas exprobrações anteparar nos cabe. Como elles, em pontos de renome, gozão limitados cabedades, bem que sufficientes para seu cómodo, e que não haja quem lh'o alterque, são elles quem, entre outras qualidades, caprichão de grande e patriótico zelo á cerca da Litteratura, em razão de que, nas almas vulgares é o patriotismo a méra sensação do próprio cómodo, e o receio de que lh'o venhão perturbar.

Que mal vos fizeram os Litteratos (me dirão esses Zeladores) para os vir dissaborear da sua profissão? Vens tú, digno imitador do Poéta que exhortava os Romanos a que affundassem no mar quanta riquêza tinhão para conseguirem ser ditosos, aconselhar-nos, que para nos aditarmos queimêmos as Livrarias? E que nem á proscipção geral escapem sequér, cinco ou seis Philósophos modernos, e por modernos privilegiados? Nem esperança nos dás que salpicadas as suas Obras pelo cardume da infinidade dos outros Livros, salvarão os mais, como já cêrto Patriarcha pedia perdão para uma Cidade, se nella se deparasse com alguns justos?

Resposta jovial merecem declamações taes. Dás por antagonistas dos Litteratos, a quem lastima as penas dos que profissão a Litteratura? Tú, que tão levemente cóbras susto, e me criminas talvez, levantas, sem o saber, a teus melhores amigos, pleito. Se os teus amigos, em algum livro anónimo, acertassem com o seguinte: *Nada sanêão as sciências; não nos doutrinão no teor da vida, mas sim no da disputa: mimo nocivo fez aos Homens quem lhes deo a Razão. Brotarão no Mundo sabios, e extinguirão-se os Homens de bem:* lógo attribuírião essa sátyra feita ao juizo e aos talentos, a algum declamador modérno, amigo de paradoxos, e de sophismas; e dirião que a Antiguidade, de muito ajuizada que era, não resvalaria nunca em pensamentos táes, e menos ainda em

dá-los por escripto. E ora se te eu disser que assim o sentio depois delles Montaigne, e outros em grande cópia? Que concluirás tú de táos virotos vibrados contra as Lettras por aquelles mesmos, que mais nellas se entranhárão? que mais por ellas se illustrárão? que mais encómios n'outras passagens lhes derão? Nada. Senão, que como as outras Paixões, a paixão do Estudo tem seus instantes de dissabor e de máo génio, como tem outros de prazer, e de arrobamento: que nessa lotta de dissabor e de delícia, vence por mais valente o prazer; pois que diffamando a Litteratura, continuão a abraça-la como se as Musas fossem para os Litteratos caprichosas Damas, de quem se dão queixumes, e a quem sempre se torna.

Accomettêrão, nestes últimos tempos, com rhetórica a causa das Lettras, e com lugares communs a defenderão: quando eu creio que o melhor método de advogar seria analysando-a, e contemplando-a por todas as faces, como ella o merece, com boa Dialéctica. Por gran desgraça cansa-nos a Dialéctica, lugares communs enjôão, e nada a Rhetórica prova; meio mui certo de que nunca a questão decidida seja. Fôra talvez mais acertado comparar as sciências aos alimentos, que necessários a todo o homem, nem a todos, nem todos no mesmo gráo, nem pelo mesmo modo convem a todos. Mas esta verdade, por mui simples que ella é, não dá com que compôr um gordo livro.

Como quer que seja, os que desabonárão a cultura das sciências, como um grande mal, provavel é que não deixou o seu zêlo de dar fructo; e fôra desperdiçar palavras, o pregar contra um abuso, que não ha hi esperar desarraigá-lo. Em persuasão tal, muito me espanto, que golpe tão mortal imaginassem descarregar nas Lettras, como é o de achacar-lhes a depravação dos costumes. Supponhâmos que tanto tem essa imputação de mal fundada, quanto de injusta. Se com effeito são os Litteratos a causa da desordem que lhes imputão, não era para esperar, que elles soffridamente apararião os dardos que lhe arremessão? Dar-se-hião elles por sentidos com a pintura do mal, quando esse mesmo mal tão pouco os move? Olhai como elles porfião a allumiar, e a perverter o género humano? A haver (como eu supponho) um sincêro desejo de os converter, com assustá-los, mais poderoso e mais seguro interesse se lhes deparava, no amor próprio, e na vaidade: affigura-los apostados a correr incessantes apóz chymeras, e

dissabores; amostrar-lhes, a uns o nada desse humano saber; a outros quão futil, e aos mais o quanto incerto, mórmente, por bordadura o Ódio, e a Inveja assanhando-se em perseguir até a sepultura Escriptores de renome, honrados quando mortos com exímio louvor, e quando vivos desabonados: Homéro, Camões, Milton infelizes e pobres; Tasso morrendo, sem desfructar a merecida glória; Corneille dissaborado do theátro e tornado a elle, para por elle se arrastar de dissabores em dissabores; Racine desesperado das críticas; Quinault vîtima da sátyra; e por fim exprobando-se elles todos, de que por ganhar fama, perderão as delícias do remanso. Ponde os olhos, Mancebos Litteratos, na sorte que vos espera, se com tão grandes Homens vos parecerdes! Quem com ler taes novas, não irá fechar quantos livros tem? Assim se ião metter os Alumnos desse hypocondríaco Philósofo, que tanto desabonava o viver, que se desgostavão da vida os seus ouvintes: elle porêem guardava para si a valentia de se não matar.

Bem verdade é que nesse Quadro tão temeroso e triste, em que com côres de Eloquência fossem debuxados os infórtnios padecidos pelos Litteratos, fôra bem tomar sentido (por não desacertar do alvo) em lhe oppôr os brazões das honras, da estimação, e valia que tantas vezes os Talentos conseguirão. Mas esse é o uso da Eloquência; mostrar sempre de perfil os seus retratos.

A Eloquência bem a admira a Razão, mas não lhe céde; com ella se divérte, mas della desconfia. Allumiados por essa Razão, justa ainda que fria, tácitos a escutêmos. Contemplêmos de primeiro, o que é Estudo em si mesmo, e limitêmos neste discurso, em fazer algumas reflexões, meias consoladoras, meias tristes, tanto á cêrca dos regressos que nas Lettras se encôntrão, quanto á cêrca dos desgostos, que nellas se experimentão.

Nos Homens é natural a Preguiça: ao que nos arguirão que o Homem é condemnado a trabalhar, pela sua destinação priméva. Assemelhêmo-lo ao pêndulo: tira-o do descanso alhêa força, mas o pêndulo tende sempre a vir ao descanso. Seguindo ainda mesma comparação digo eu, que arredado uma vez o pêndulo da situação que tinha, a ella mil vezes torna sem parar, até que o móto seu, de lento em lento, pelo roçar contínuo, e pela resistência é destruido, e é nada. Assim o Ho-

mem tende sempre ao remanso: bem que agitado por incessantes desejos delle sáia, e sempre o busque, lá vem, pouco a pouco, a se gastar por esses mesmos desejos a alma, e pela resistênciã que encontrou em contenta-los, e por fim chega a lograr tardia descontente tranquillidade. Dous Homem andão no Homem; o Homem da Natureza, e o Homem factício. O primeiro só tem ideia das necessidades physicas, e consiste o seu prazer em contenta-las; e vegetar depois sem incômodo, sem paixões, e sem enôjo. Pelo contrário, o Homem facticio tem mil necessidades *instituto*, e para assim dizer methaphysicas; obra da sociedade, da educação, dos preconceitos, do hábito e da desigualdade das condições. Se a condição, que entre os do nosso lote possuímos, nos confere alçada de contentar sem lida necessidades physicas e reaes vem as necessidades methaphysicas e facticias appresentar-se-nos, como pasto necessario aos desejos nossos, e por conseguinte á nossa existênciã. Ora, de todas essas necessidades imaginárias, mais imperiosas, ás vezes, que as necessidades naturaes, a mais universal e a mais urgente é a de dominar sobre os outros, ou já pela dependência que elles de nós tenham, ou pela luz que de nós recêbão. E ora cada um igualmente cuida em sahir de si mesmo, e dar que appetecer aos outros de se verem no grão em que somos: este aspira ás riquezas, aquelle ás honras, essoutro abalança-se a acertar com mais pura dita na meditação, e no retiro. Pelo que em quanto a mór parte dos homens a suores e fadiga condemnada, invéja o ócio de tantos similhantes seus, e lh'o deita á Natureza em rôsto, andão a esses do ócio dando-lhes tratos as Paixões, ou os definha o Estudo; devóra o enfadamento a todos os mais.

Penetrêmos por esses asylos, que o Philósopho consagrrou ao Estudo, e ás Reflexões. Se lá na sociedade de seus meditados livros, lhe perguntamos se é feliz, e lhe offerecemos se é possivel algum meio de o ser, dirá elle, como não ha muito me disse um sábio de grande celebridade:

«Vês essa Livraria immensa em que assisto. Pois apenas entrei nella disse commigo, como esse animal faminto lá da Fábula: Que amuadas riquezas, para quem com ellas queira ser ditoso, sem depender de alguém! Os mais bellos annos da vida aqui os passei a estancar esta vasta collecção; e que colhi della? Incertezas nos factos da História, trévas em Phy-

sica, na Moral triviaes verdades, ou arriscados paradoxos, e subtilezas vans na Methaphysica. Debalde me perguntareis, depois de trinta annos de estudo, por que razão cahe uma pedra e por que motivo movo a mão, ou porque a faculdade tenho de pensar e sentir. Se não fossem as luzes superiores á razão, que me servirão muitas vezes, e me consolárão na minha ignorância, nenhum livro me disséra o que sou eu, d'onde venho, e onde tenho de ir. E, lançado ao Deos-dará, neste Universo, diria, como o disse o Doge de Veneza, vendo-se em Versalhes, a quem lhe perguntava qual de tantas maravilhas o admirava mais «O que mais me admira, é ver-me eu aqui» (1)

Enfadado dos livros, que promettem instrucção, e que tanto fallão no que promettem, dei-me a Obra de méro agrado, onde parece acertar-se com algum recurso. Novo engano! Que em tão bastos Oradores não achei senão declamações; na multidão dos Poetas, pensamentos falsos ou vulgares, com forcejo, e apparatus proferidos; no cardume das Novéllas, o o Mundo, e os Homens falsamente retratados. As Paixões, que essas últimas Obras pretendem dar-nos a conhecer, oh quão frias tem de parecer a corações em que Paixões nenhum accesso tem! e ainda mais frias a quem de alguma paixão está inflammado! E que distância, então, entre o que se lê e o que se sente!

Deo-me no ânimo, (apóz leitura tão cansada e tão inutil) que havia livros com títulos de Diários, fadados a recolher quanto ha melhor nos outros livros. «Por estes, dizia eu comigo, é que eu devêra começar. Ter-me-hião forrado bem dis-sabores e trabalho. Abro um desses duzentos Diarios, que na Europa cada mez se imprimem: dou nelle, com o elogio pomposo de certo livro que eu não conhecia; aqodado em o lêr, sobre a palavra do Autor do Diario... Oh como me cahio das mãos ás primeiras páginas que li! Então, mas por méra curiosidade quiz saber como fallavão desse livro tão celebrado e tão pouco digno de o ser, outros Diários: uns louvávão, outros dila-niávão; por má ventura porêm, os que lhe fazião justiça, louvávão outras Obras, que eu tinha lido, e que não valião mais que essa. Pelo que assentei, que da leitura dos Diários, o que méramente se colhia, era saber que o Diarista era amigo ou

[1 Vid. Historia de Luiz XIV

inimigo do auctor que elle diariza: o que não dá summo proveito.

Dão á Bibliothéca de Alexandria o campanudo rótulo de *Thesouro dos rémedios da alma*. E esse Thesouro dos rémedios da alma, não o considero eu mais opulento, que Pharmacopéas vastíssimas, que annunciação remédios para todas as moléstias, e que pouquíssimas curão.

Confessarei, não menos, e com justa razão, que nesses archivos de frivolidade, de erros, e de enôjo, distingui alguns Historiadores Philósophos, alguns Physicos que sabem duvidar, Poetas que sentem, e dão a sentir suas imagens, Oradores que coadunão com a Eloquencia o bem arrazoado; mas tão acanhado é esse número, tão assoberbado pelo tropél dos outros, que é custoso congraçar-me com esta vasta colleção de livros: comparo-a com essas tristes pousadas de mentecaptos, ou de parvos, guardadas por algumas pessoas de tino: que porêm não alcanção, por poucas, afformosentar pousadas táes.

Enojado dos pensamentos alheios quiz publicar os meus; e posso-me gabar que lhes recambiei todo o enôjo, que me elles derão.

Lancei na História o meu primeiro arrôjo, compondo uma em que falava ás claras de pessoas muito de temer; por quanto me tinhamo segurado serem as atrevidas pinceladas, as que davam mais no gosto do Leitor; pinceladas que me grangearão crueis inimigos de quantos ellas assinalarão. Escriptor me intitularão perigoso, os comprehendidos: desattentado os indifferentes; e as críticas vinhão com granizo. Em vez do fumo de glória, a que aspirava, pezares e mófas me vierão.

Então disse eu, para me consolar «Pelo Público em pessoa me verei vingado. Na dramática scena, me apresentarei ante elle, e com suas próprias mãos ma ha-de elle coroar.» Escorado nesta confiança embebo-me altamente nas regras do Theatro, e componho uma tragédia. Assobiarão-m'a. Componho uma Comédia:--dérão-lhe garrote em meio (1).

(1) OBRAS DE FILINTO ELYSIO, ed. *Rollandiana*, Lisbõa, 1836, pgs. 250—263, do tomo, 18



Questões de grammática e philologia

Ne sutor supra crepidam...

Exm. Sr. e meu prezado colega.

Quando recebi o nº. 5 da sua apreciável Revista, tive a tentação de fazer e mandar-lhe um ligeiro comentário a um extraordinário artigo, que V. teve a condescendência de estampar na página 317.

Mas eu não tenho lazeres para inutilidades, nem para dar lições áqueles sapateiros, de que falava Plínio, e que pretendem formular juízos, superiores ás chinelas que fabricam; e só agora, por mero acaso, me é dado consagrar cinco minutos ao linhol que serziu aquellas gáspeas.

Ora pois.

Afirmara eu, e ainda afirmo, que, assim como do latim *crimen, lumen, culmen*, etc., tirámos *crime, lume, cume*, etc., assim do latim *regimen, certamen, germen, tentamen*, etc., deveremos coerentemente tirar *regime, certame, germe, tentame*, etc.

Isto, que perante a Filologia, é um dos casos mais claros e comesinhos, foi atordoar um mestre de meninos, que, largando as chinelas e a *Gramática* do Paulino, correu á janela para gritar aos pávidos transeuntes que eu sou réu de um *insólito capricho, extravagância, argumentos falhos*, e até *fáceis* (?), como diria Paulino.

Pobre homem!

Vai êle vêr como é preferível limitar-se aos *altos mistérios* do adverbio e *conjunção*, no convívio dos seus meninos, em vez de se atirar de cabeça ao abismo da sciência, onde não há nada que o salve.

Começou por uma heresia, dizendo que as fórmulas *joven, colon, regimen, tentamen*, etc., são excepções á regra de que a inflexão nasal em fim de vocábulo é representada por *m: bem, fim, tom...*

Donde se vê que êle nasalá as sílabas finais de *regimen*, *colon*, *tentamen*, etc.

E' novidade completa, na fonética portugueza!

Em português, nunca a letra *n* nasalou a sílaba final de um vocábulo. Basta abrir qualquer dicionário que represente a pronúncia, e ver-se-á que o *n* final não tem o valor de *m* final. Assim, *em português*, *canon*, *colon*, *regimen*, etc., não se lêem senão *có-lo-ne*, *cá-no-ne*, *re-gí-me-n*, não se dando valor fechado á vogal que precede o *n*.

Baseado na sua incrível confusão a tal respeito, já se poderá calcular aonde iria parar ou esbarrar o articulista.

Confunde alhos com bugalhos, e não se peja de afirmar que o latim *crimen*, *lumen* e *nomen* deviam tranformar-se em *crimem*, *lunem*, *nomem*, como *virginem* e *ordinem* se transformaram em *virgem* e *ordem*.

O latim de cozinha não chega para estas coisas; e por isso o articulista não viu que, entre o caso de *crime*, *lume*, *nome*, e o caso de *virgem* e *ordem*, não há paridade nenhuma.

Ordem e *virgem* vêm do acusativo *ordinem*, *virginem*; e *crime*, *lume* e *nome* não vêm de substantivos latinos, cujo acusativo termine em *em*, como *virginem* e *ordinem*.

Crime, *lume*, *nome*, *regime*, *tentame*, etc., são, em latim, substantivos neutros, e, como tais, tem o acusativo igual ao nominativo: *crimen*, *lumen*, *nomen*, *regimen*, *tentamen*...

Com *jovem*, sim, senhor, porque o acusativo latino é *juvenem*.

Mas *regimem*, *tentamem*, *certamem*, etc., como pretende o articulista, não têm a mesma razão de ser, porque não há os acusativos *regiminem*, *tentaminem*, *certaminem*..., mas, sim, *certamen*, *tentamen*, *regimen*, como há *crimen*, *lumen*, *nomen*...

E assim se desmancham castelos de cartas, que podem entreter meninos e illudir cozinheiros, mas que não valem um chavo.

Se eu tivesse pachorra e tempo, divertir-me-ia um pouco em dissecar todo o arrazoado do articulista, em que há realmente lances pinturescos.

Por exemplo: como há vocábulos populares e vocábulos eruditos, êle chama-lhes *vocábulos de derivação popular*, e *vocábulos de derivação erudita*, para concluir que *crime*, *lume*, *cume*, são de derivação popular; e *regimen*, *tentamen*, etc., são de derivação erudita.

Vê-se que não sabe o que é derivação.

Uma palavra deriva-se de outra, em que só o radical é o mesmo, e a significação é a mesma, á parte secundárias modificações fonéticas ou morfológicas: *Romano* deriva-se de *Roma*; *cidadão*, de *cidade*; *aplaudir*, de *plaudere*; etc.

Ora, o português *regimen* não se *deriva* do latim *regimen*: é o próprio latim, tal qual, enxertado em nossa linguagem; como *tentamen* é latim e português; e assim *certamen* etc. Pela evolução natural e pela índole da língua, perderão o *n* final, como o perdeu *lume*, *crime*, *nome*...

O que é pena é que isto não seja aceito pelos espíritos, *afeitos á história da nossa língua*, como se inculca o articulista.

De passagem notarei que *regime*, *certame*, *tentame*, são já fórmias correntes na escrita portuguesa; e que do mencionado artigo alguma coisa colhi, digna de registo: é o verbo *feixar*.

Provavelmente, é gíria.

Vou estudá-lo.

Lisboa, 21—IV—919.

Candido de Figueiredo



**Contestação de alguns sup-
postos quinaus grammaticaes
do Sr. Theodoro Rodrigues.**

Ao começar este artigo (o segundo), destinado á *Revista do Ensino*, devo logo dizer que me julgo isento de proseguir a crítica que, acêrca das *Notas sobre as proposições*, da lavra do Sr. Th. Rodrigues, iniciei no último número daquelle mensário, porque o Sr. Professor Ferreira dos Santos, com a franqueza e lealdade que o distinguem entre os seus collegas, e a competência que, no assumpto, todos lhe reconhecem, e eu assás reverencio, antes de mim, já teve ensejo de pôr no logar que de direito lhe pertence a debatida questão das orações do infinitivo e do gerúndio:

Volto, portanto, agora os olhos para o artigo do mesmo

Sr. Th. Rodrigues intitulado "Livros escolares" e que sahio a lume no supradito número desta revista.

Qualquer iniciativa em prol do aperfeiçoamento do ensino suscita sempre de minha parte applausos sinceros, que desta vez quero manifestar publicamente, de par com a contestação de alguns pontos que me não pareceram bem discutidos.

Eu condemno, como o Sr. Th. Rodrigues, as obras didácticas em que, além da matéria ser mal disposta e estudada, se infringem os mais triviaes princípios de syntaxe, porque têm a singular virtude, que lhes não póde ser negada, de incutir na criança o desgosto do estudo da sua língua materna.

Aqui no Pará, sobretudo, eldorado de quanto pedagogo inculto havia algures, a incursão, nas escolas, de livros sem mérito algum, foi, não ha muito, lastimavel. E os seus auctores, com o desplante que se filia no prurido criminoso do ganho, declaravam á guisa de prolegómenos que estavam satisfeitos, porque tinham podido contribuir tambem para a grande obra da instrucção da infância...

Mas vamos ao que importa.

Tratando da Grammatica Portuguesa de Veríssimo Vieira, affirma o Sr. Th. Rodrigues que, lendo-a «calma e precisamente», teve della a maior desillusão.

Concordo em que é absurda, em face da lógica, a divisão das palavras, quanto ao seu número de syllabas, em *monosyllabo*, *dissyllabo*, *trisyllabo* e *polysyllabo*, pois tão *polysyllabo* é a palavra de duas ou tres syllabas, como a de quatro, a de cinco, etc.

Sempre a vi com pena no corpo da Grammatica de Paulino de Brito, incontestavelmente o mais esclarecido professor de Língua Portuguesa que possuímos.

Buscando com real empenho o propósito que induzira o Sr. Paulino, de quem tive a fortuna de ser discípulo durante quatro annos, a adoptar a divisão alludida, cheguei enfim a lóbrigo-ló por ventura naquelle que tivesse de facilitar aos alumnos a comprehensão da coisa. Com effeito, eu tenho observado que, em se deparando a uma criança o prefixo *poly*, ou isolado, ou na composição de qualquer palavra, logo lhe occorre que se fala de muitas coisas, e nunca de duas ou tres.

Adeante, trasladando da 6ª lição da referida grammática a frase seguinte—*A falta de vento FEZ COM que muitas embarcações ficassem por largo tempo immoveis nas águas*

tranquillas da bahia, exclama o Sr. Th. Rodrigues com desenvoltura que muito extranhei: «Parece incrível que ainda se ignore a significação do verbo *fazer* e parece ainda mais incrível que um grammático dê a um verbo transitivo directo, como é e sempre foi o verbo *fazer*, um objecto ou complemento regido de preposição, quando não se trate de um caso emphático!»

O que, na verdade, parece incrível, é que o Sr. Th. Rodrigues se admire da dupla regência que sempre teve, e continúa a ter o verbo *fazer*, como o demonstraram, com abundância de razões e exemplos tirados dos clássicos, os Srs. Ruy Barbosa e Heráclito Graça.

O primeiro, em nota ao n.º 147 da sua famosa *Réplica*, communica-nos que, a seu ver, a locução *fazer com que* se rege por uma ellipse. *Fazer com que*, isto é, *fazer de modo com que*, ou *de maneira com que*. A expressão *modo com que*, continúa Ruy Barbosa, é uma variante vernácula de *modo como*.

O segundo, isto é, Heráclito Graça, nos *Factos da Linguagem* (1904—Cap. XLVI), defende com segura argumentação a legitimidade da locução *fazer com que*. Do seu magnífico trabalho copio apenas a seguinte passagem, da qual desejo tenha o Sr. Th. Rodrigues immediato conhecimento: «*Fazer com que* e *fazer que* são meros *typos syntácticos, divergentes na fórma e equivalentes no sentido*, como o são *convencer-se de que* e *convencer-se que*, *admirar-se de que* e *admirar-se que*, etc.

«Em todos estes *typos divergentes* ou *equivalentes* (não são sómente aquelles os que apresenta o Sr. Graça), consoante a denominação dos grammáticos, nomeadamente dos doutos professores os Srs. Aureliano Pimentel e Fausto Barreto, e noutros análogos *existentes* na lingua, como *cumprir com a lei* e *cumprir a lei*, *bradar por soccorro* e *bradar soccorro* (e outros), etc., resguarda-se a syntaxe, é identico o sentido da frase, varia apenas a construcção e com ella a maneira da anályse, SEM SOLECISMO, SEM VÍCIO, e COM PLENA JUSTIFICAÇÃO com o auxilio do Latim, onde ha *typos eguaes*, etc.»

Eu tomo a liberdade de aconselhar encarecidamente ao Sr. Th. Rodrigues que leia com muito cuidado a *Réplica* do

Sr. Ruy Barbosa *das defesas da redacção do Código Civil e os Factos da Linguagem* do Sr. Heráclito Graça, porque da leitura do seu artigo se infere que essas obras lhe são desconhecidas.

Depois de havel-o feito, estou certo de que o Sr. Th. Rodrigues se convencerá da vernaculidade da expressão *fazer com que*, a qual foi sempre empregada por todos os escriptores de boa nota.

Mas ainda que isso não tivesse acontecido, bastava o simples facto de andar a mesma na bôcca de todo mundo, letrados e illetrados, e não contrariar a índole da lingua, para ser tida como de bom cunho e, como tal, incluída no património desta.

O motivo de andarem os grammáticos e philólogos sempre ás turras uns com os outros, é, em sua maioria, não quererem attender ao phenómeno (tome-se na accepção de facto ordinário, como, por exp., em chimica) muito conhecido da evolução, até syntáctica, da lingua.

O que cumpre aos directores desta, é recolher do povo as suas expressões, corrigil-as, e dar-lhes fóros de cidade.

Da mesma fórma que se explica a locução *fazer com que*, se explicam tambem as locuções *puxar da espada*, *chamar por alguém*, etc., que são, sem dúvida, aquelles casos em que, segundo o Sr. Th. Rodrigues, se usa *por êmphase* a preposição.

Sou do parecer do dito senhor no tocante ás censuras que succedem áquellas a que acabei de me referir, commentando-as; excepto a que implica a anályse syntáctica, que me suggere algumas considerações.

Transcrevendo a seguinte definição de Verissimo Vieira: *Chama-se proposição composta aquella que é formada de duas ou mais proposições simples*, e o respectivo exemplo: *Este livro é o prêmio que alcançaste hontem quando fizeste exame*, assim se exprime os Sr. Th. Rodrigues: «E' admiravel este exemplo de proposição composta!»

Em seguida. «O exemplo de Verissimo é uma simples proposição complexa e ampliada.»

Divirjo. Já me foi dado mostrar que são racionaes e bem fundamentadas as denominações de *proposição composta por subordinação*, e *por coordenação e subordinação* ao mesmo

tempo. (1) Ora é justamente da primeira dessas espécies a proposição que constitúe o exemplo citado.

Nella se vê a oração principal—*Este livro é o premio*, seguida de duas subordinadas—*Que alcançaste hontem e Quando fizeste exame*, aquella adjectiva, esta adverbial de tempo.

Dest'arte, não ha razão para espanto.

Onde o Sr. Verissimo Vieira erra, é na anályse, que o Sr. Th. Rodrigues corrigiu, do primeiro membro da proposição composta por coordenação—*Aquelle intelligente rapaz fez um excellente exame e alcançou o primeiro prêmio*, e na classificação dest'outra—*Cumpre que não te esqueças das observações que te fiz; tu dirás que assim procedes, porque assim te recomendei*; a qual Verissimo classifica como composta *por subordinação*, quando na verdade o é, simultaneamente, *por coordenação e subordinação*.

O Sr. Th. Rodrigues assegura que o que se verifica, é uma proposição de duas coordenadas asyndeticas, COMPLEXA e nada mais, e passa a proval-o com a separação e estudo de cada uma das orações que as compõem, tendo omitido, entretanto, a oração substantiva objectiva directa—*Que assim procedes*, pertencente á segunda coordenada.

Confesso por minha vergonha que jamais comprehendí, nem comprehendendo o que seja proposição COMPOSTA COMPLEXA, pois segundo já expuz opportunamente, não atino com a differença que possa haver entre o que é composto e o que é complexo.

Antes de concluir, permitta-se-me exhortar os que têm no nosso Estado a tarefa do ensino da lingua que nos herdaram os nossos paes, a que sem paixões, senão com serenidade, se esforcem por uniformizal-o tanto quanto possivel, para que se saiba, afinal de contas, o que se deve ensinar, e a creança apprender.

25—4—912

Maria—Thereza.

1]—Por lamentavel inadvertência, disse eu, quando me occupei, no artigo anterior, da proposição composta por coordenação e subordinação ao mesmo tempo, que não sabia de auctor que della tratasse, quando o certo é que Ribeiro de Vasconcellos, na sua Grammatica Portugueza, no. 133 e seguintes, a estuda com primazia.

A missão do professor

O amor á profissão. A alma da criança. A estética no ensino. A cultura intellectual do professorado.###

No meio dos povos civilizados, nos países, nas sociedades de notavel desenvolvimento social e intellectual, a missão do professor é, incontestavelmente, a de maior vulto, a mais delicada, a mais melindrosa e a que deve inspirar o maior acatamento, a maior consideração e o maior respeito.

No luminoso trabalho da construção do edificio social, o professor representa o papel desse operário sublime que levanta o alicerce da grande obra, desanuviando o espírito da criança, abrindo-lhe a corolla como um floricultor carinhoso e dedicado, e preparando-a para receber os raios vivificadores do sol. O professor é, sem dúvida alguma, o verdadeiro apóstolo da civilização, o denodado desbravador de espíritos completamente nebulosos, de intelligências que são como sombrias grutas geradas no seio das florestas, onde a luz ainda não conseguiu penetrar. O professor é, indubitavelmente, quem maiores serviços presta á grandeza de uma pátria.

Por esses relevantíssimos serviços que elle dedica á sociedade, serviços que passam muitas vezes ignorados da turba inculta, o professor deve merecer a máxima consideração e o máximo prestígio dos poderes públicos, que têm nelle o seu mais valioso auxiliar.

Cercar o professorado de todas as garantias materiaes e moraes é um dever incontestavel que se impõe a todos os governos. Garantir a escola, cercal-a de todos os meios, engrandecel-a é assegurar a felicidade e o futuro de uma nação. Sobre os hombros do professor descansam a paz e a prosperidade dos governos que devem vêr na escola a sagrada officina, onde os pequenos operários, sob a acção dedicada e valiosa do mestre, preparam a base fundamental da civilização humana, erguendo-se mais tarde como aguerridos e gloriosos paladinos em prol do engrandecimento da terra que lhes serviu de berço

e quiçá de toda humanidade. Mas é preciso que o professor tenha a noção clara da sua missão nobilíssima; é preciso que elle se convença de que o ensino é uma sagrada religião cujo templo é a escola, onde elle desempenha a missão espinhosa e sublime de supremo sacerdote. O professor que encara a escola como um simples meio de vida é certamente um temível criminoso que, se não assassina nas estradas e assalta ao silêncio da noite, mergulha nas trevas a alma das crianças, macula o ideal social e prepara homens para a perpetração de todos os delictos.

Não basta sómente conquistar um título nas escolas normaes; é preciso ter a comprehensão nítida do seu apostolado, conhecendo de perto a enorme responsabilidade que lhe pesa sobre os hombros, pensando maduramente nesse tremendo compromisso que contrahe com a sociedade, com a família e com a pátria.

Ensinar é semear no campo da intelligencia a sementeira da luz, é romper nas noites trevosas a nuvem espessa que encobre a face das estrellas.

Ensinar é ter a delicadíssima responsabilidade de responder perante a sociedade e a familia pelo desenvolvimento, pela belleza, pela vida e pela floração dessa planta mimosa e sensitiva que é a alma da criança, tão mimosa e sensitiva que o menor descuido, a menor inhabilidade e a menor pressão quasi sempre lhe crestam as folhas, lhe ferem a raiz e lhe apôdrecem as pétalas.

Saber tratar e guiar a alma de uma criança é um trabalho superiormente delicado.

Nem todos realizam esse *desideratum*, porque nem todos podem mesmo comprehender o que seja uma alma.

Mas ao professor, *maximé* ao professor primário, cumpre-lhe entendel-a, conhecel-a precisamente, sem o que o seu esforço, o seu ensinamento e a sua dedicação falham e muitas vezes são contraproducentes, gerando verdadeiras aberrações.

Não é somente semear: é preciso ver o campo onde se deixa a semente, ver a terra e o que ella necessita para que a semente se torne planta, a planta se torne flor e a flor se torne luz.

Já se vê, portanto, que a missão do professor é árdua e espinhosa.

Acresce mais que o professor é o espelho do alumno, que geralmente lhe assimila os hábitos.

O alumno repara cuidadosamente no procedimento, na esthética do professor. Admira-o, distingue-o, eleva-o, quando o sabe superior, educado e culto, ao passo que lhe furta calorosa homenagem, quando o vê indelicado, deselegante, relaxado mesmo, e sem o preparo sufficiente que dá sempre a linha de superioridade.

A belleza material, a esthética do professor têm uma grande influencia no ensino e no espirito da criança.

O professor mal vestido, mal penteado, mal calçado e sujo gera na criança um sentimento de repulsa, mata-lhe a vontade, torna-a indifferente e geralmente medrosa. No entanto, as suas sympathias se voltam todas pressurosas para o mestre limpo, elegante e preparado, servindo isto quasi sempre de salutar incentivo.

O alumno asseiado anseia pelo momento de dar lição, de ser chamado pela professora bonita e de formosos vestuários, ao passo que se constrange, se retrai, quando é chamado por uma professora de véstias tristes e fúnebres e de quem a belleza foge ás léguas.

O que é certo, e que é incontestavel é que a belleza plástica tem uma poderosa influencia no ensino, despertando nas crianças o estímulo, o capricho de estudar para serem agradaveis ao professor ou á professora da sua sympathia.

Vamos agora tratar, ligeiramente embora, de um dos pontos principaes deste artigo que nos inspirou a dedicação que temos á palpitante e proveitosa causa do ensino público: *a cultura intellectual do professorado.*

De todas as questões que se ligam ao ensino esta merece indubitavelmente particular attenção.

O preparo do professor é a causa principal do progresso e do engrandecimento da escola.

A infância, entregue á direcção de um professor inhabilitado, soffre um prejuizo difficil de resarcir, adquirindo vícios perigosos ao ensino de qualquer matéria e principalmente á pureza da lingua materna.

O professor tem a necessidade inadiavel de tratar com apuro da sua cultura espiritual, afim de evitar que a sua ignorância e os seus erros passem como uma herança tristíssima á infância descuidada, cuja instrucção depende exclusivamente do mestre. O preparo intellectual do professor assegura e garante o preparo intellectual da infância.

O título de normalista não significa, na maioria dos casos, a habilitação precisa do professor, porque o tirocinio normal nem sempre se manifesta perfeito, sendo mesmo incompleto e viciado por um proteccionismo absurdo e criminoso, que redundava unicamente em prejuizo das escolas e da mocidade.

Sem que tenhamos intenção de offender a este ou aquelle, cumpre-nos declarar com muita mágoa que conhecemos muitos professores titulados pelas escolas normaes que são de uma incompetência pasmosa, encontrando difficuldades nas mais comeseinhas disciplinas da lingua portuguesa.

Vem ao caso relatarmos o que nos disse um distincto professor de mathematica, quando com elle conversamos sobre negócios do ensino normal.

Disse-nos elle:

E' lastimavel a linguagem em que muitas vezes tenho visto as provas escritas. Ha erros imperdoaveis. E em lugar de estarem ensinando coisas de que o futuro professor não se vai utilizar, deviam ensinar-lhe a escrever bem a lingua ou escrever bem um bilhete.

E' isto uma dolorosa verdade. Quasi sempre o tirocinio normal é superficial e neste caso compete ao professor cuidar incessantemente do seu preparo intellectual, completando, remodelando e aperfeiçoando o cabedal mal adquirido no curso normal.

E' só assim que elle póde honrar o seu titulo, não encontrando embaraços na direcção de uma escola e estando apto para o ensino de todas disciplinas que lhe são confiadas.

Não queremos desta fórmula dizer que os professores sejam completas illustrações; desejamos somente que elles estejam rigorosamente preparados para o desempenho das suas funcções.

Alcançar um titulo de normalista não quer dizer que o professor *pára de estudar*, porque *já tem o curso normal e direitos a uma escola.*

O titulo de professor implica a qualidade de ser instruido.

Quando o curso normal é falho, elle deve lançar mão de todos os meios afim de adquirir amplos conhecimentos, de estudar o que ainda não tinha estudado e de se tornar verdadeiramente digno do titulo nobilissimo de professor que tem conhecimento pleno da sua alta missão.